COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Carta inédita de Tomaz de Figueiredo a José Osório de Oliveira

João Bigotte Chorão

Para citar este documento / To cite this document:

João Bigotte Chorão, "Carta inédita de Tomaz de Figueiredo a José Osório de Oliveira", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 91-95.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CARTA INÉDITA DE TOMAZ DE FIGUEIREDO A JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

HÁ escritores que nunca deixam de ser escritores, seja num simples bilhete, seja na dedicatória de um livro. É o caso de Tomaz de Figueiredo (1902-1970), que em tudo, escrito público ou privado, punha o mesmo escrúpulo. Nesta carta ao tão injustamente silenciado crítico e ensaísta literário José Osório de Oliveira (1900-1964), vemos o retrato em corpo inteiro do escritor e do homem Tomaz de Figueiredo.

Espírito generoso e independente, José Osório de Oliveira amava a literatura e não a utilizava para fins espúrios. Unicamente lhe interessavam a qualidade e a dignidade literárias. Dialogava com os outros, ainda que estivessem em margens opostas. Depois de Carlos Malheiro Dias e João de Barros, e antes de Luís Forjaz Trigueiros e Amândio César, foi um interlocutor de muitos e grandes escritores brasileiros. Prevalecia-se das suas relações pessoais para convidar os mais diversos e politicamente heterodoxos poetas, romancistas, ensaístas do lado de lá do oceano a colaborarem na bela revista de António Ferro, *Atlântico*, de que era secretário. *Atlântico* — o oceano que então não separava mas aproximava os dois países de idioma comum.

E nessa revista (n.° 2 da II série, 1946) foi publicado o conto de Tomaz de Figueiredo «Relatório», depois incluído em *Vida de Cão* (1963), com um título a que foi acrescentado o adjectivo «sentimental». Mas, na versão em livro, não há apenas essa alteração: há palavras substituídas ou suprimidas, até períodos eliminados. Era a insatisfação de um autor que lutava por melhorar — ou, como ele dizia, *despiorar* — os seus textos.

Tomaz de Figueiredo, à data desta carta com 44 anos mas ainda inédito em livro, confessa-se grato ao seu camarada por não invocar a extensão do conto para não o publicar. E mais grato ficaria quando, no ano seguinte (1947), José Osório de Oliveira consegue editor para *A Toca do Lobo*, um livro raro na obra do autor e da literatura portuguesa do século XX. Foi a Ática que publicou, com o seu conhecido gosto gráfico, o romance singular, tentativa de recuperação, mais do que do tempo, do paraíso perdido. A José Osório de Oliveira foi dedicada *Procissão dos Defuntos* (1954), com estas palavras em jeito de carta: «*A Toca do Lobo* ninguém queria editá-la, principiando por nem querer dar-se à espiga de a ler, uma grande espiga. Devo-lhe que a tenha lido e que a recomendasse ao editor, camaradagem a confirmar, por excepção, o dito referente ao 'oficial do mesmo ofício'. E então, que mal nos conhecíamos, o José Osório de Oliveira apenas era o camarada, não o amigo que hoje é: não éramos ainda os amigos que hoje somos. Aqui tem esta desapegada *Procissão dos Defuntos*, que muito

assim fica valendo: memória duma lealdade. Sou eu daqueles que nunca por nunca se esquecem, um condenado a lembrar-se de tudo. Não vai além de uma caneta o meu possível, um capital de pobreza pois que me tomou toda a alma, e em troca de dores que só eu sei. Dentro desse meu pobre possível, Amigo — e, embora com ruim juro, pago sempre o que me fazem.»

Mas não se contenta desta dedicatória o escritor agradecido. No antelóquio à 2.ª edição da *Procissão dos Defuntos* (1967), evoca o amigo desaparecido e camarada atento, a quem chama Osíris, abonando-se na lição de António Vieira, o qual ensina «que de Osíris derivaram os antigos o apelido Osório». No seu afectuoso retrato realça o amor de José Osório pelos livros: «O amor, logo ao abri-los, soprando ao fim os escarpelos do papel, enformando-os e mirando-os: sua riqueza de pobre! O mais acabado homem de livros que nunca vi, o José Osório de Oliveira! Que teclado, cada prateleira das suas estantes!» Pois esses livros, tão cuidados, e, muitos deles, certamente com dedicatória dos autores, acabaram por aí dispersos em mãos profanas e, talvez, profanadoras. Este o triste destino dos bens, ainda que eles tenham sobretudo um valor cultural e sentimental.

A carta aqui pela primeira vez impressa mostra uma outra faceta de Tomaz de Figueiredo: a de escritor autobiográfico. Auto-retratando-se como «caceteiro sentimental», lembra, não sem complacência, que os seus companheiros de Coimbra o chamavam «fera de Soajo». Tal a sua fama de força e coragem físicas. Pescador destro, promete ao amigo um presente de trutas, se for afortunada a próxima pesca. E, como bom gastrónomo, precisa que «grelhadas com manteiga e salsa, são de lamber os dedos...». Vem a propósito citar aqui o conto «Dez Quilos de Trutas» (in *A Outra Cidade*), história de proveito e exemplo de fidelidade à palavra dada — uma promessa que se cumpre mesmo *post mortem*.

Do conto «Relatório Sentimental», vale a pena transcrever, porque vem, igualmente, ao caso, esta passagem onde, com mão de mestre, se pinta a subtil arte da pesca à truta: «Ah! Vida plena! Encaixar finalmente a cana! Enfiar a linha até ao derradeiro passador! Escolher a pluma, a palpite, estudada a luz e o tom do arvoredo, as mosquinhas e efémeras que voem! O primeiro lançamento, a cuidar não se enganche o anzol em galho importuno! E acompanhar a pluma, oleada de fresco, a brincar na babugem: borboleta ou joaninha a debater-se, por ilusão... E a bocarra da primeira truta, que, de súpeto, abre o morrer dalguma corrente ou a espuma que a debrua... Zás! Logo a pancada, se não, percebe que não é coisa de comer, que é intrujice, e bota fora! Pancada leve, leve, na conta, não lhe fisgue o anzol apenas alguma pelica, e rebente! Ela a afundar e a vir à tona! Cada guinada! Cada esticão! E cada salto, cada estalo, de prancha!»

Retornando à carta, a temos por admirável pelo que diz e como diz. Mas não menos admirável como exemplo de camaradagem de dois escritores, que, na diversidade dos temperamentos e dos caminhos, se encontram no mútuo respeito e apreço.

JOÃO BIGOTTE CHORÃO

Meu Caro José Osório, confrade porque me autorizou, amigo porque assim verificámos que era:

Bem haja pelas suas palavras, por ter querido escrevê-las sem que nada a tal o obrigasse, e eu distingo entre espontaneidade e protocolo: quase sempre sinónimo de óleo de ricino. Bem haja, repito, pois, tanto como eu, sabe precizarmos de uma voz, pelo menos de longe em longe, a responder ao que supusemos ter sido voz: frequentemente aquele mundo sonhado — e grão de areia, afinal — de que fala Bilac.

Tanto por mim como por si, acredite, me alegra tenha achado aceitável a novela. E, isto, porque sempre uso meter-me na pele dos outros — como se não bastara a cruz que bens me deu! — e muito sofreria de ter que dizer, fosse a quem fosse: — Meu caríssimo senhor, mais por isto e mais por afilo (e aqui a luta entre a verdade e a

caridade) a sua novela não serve... Sabe, é muito longa, e a revista não comporta novelas assim longas...

E agora sempre lhe digo que êste caceteiro sentimental que sou — talvez a cara de poucos amigos provenha de jogar o pau e doutras prendas soajeiras (em Coimbra, os companheiros de casa, chamavam-me a "fera de soajo") — sempre lhe digo, para endireitar período tão arrevezado, que me penteio para ir, breve, à terra que chamei "Várzea". A senhora Joaquina, que era Cândida, não estará para a abraçar. Nem aquela menina linda, para a ver. Mas que vou ao Poço do Diabo, aí isso vou. Com o meu filho, que então engatinhava. Prometo-lhe, se as sacar, meia dúzia de trutas. Excelentes, de qualquer maneira, mas, grelhadas com manteiga e salsa, são de lamber os dedos...

E, a tomar balanço para continuar a cumprir a sina — principiar a escrever outra coisa qualquer — emprequei a noite a escrever-lhe. E muito bem a emprequei.

Abraça-o o camarada e amigo
Tomaz de Figueiredo

26/4/45

Meu Caro José Osório, confrade porque mo autorizou, amigo porque assim verificámos que era:

Bem haja pelas suas palavras, por ter querido escrevê-las sem que nada a tal o obrigasse, e eu distingo entre espontaneidade e protocolo: quase sempre sinónimo de óleo de rícino. Bem haja, repito, pois, tanto como eu, sabe precisarmos de uma voz, pelo menos de longe em longe, a responder ao que supusemos ter sido voz: frequentemente aquele mundo sonhado — e grão de areia, afinal — de que fala Bilac.

Tanto por mim como por si, acredite, me alegra ter achado aceitável a novela. E, isto, porque sempre uso meter-me na pele dos outros — como se não bastara a cruz que Deus me deu! — e muito sofreria de ter que dizer, fosse a quem fosse: — Meu caríssimo senhor, mais por isto e mais por aquilo (e aqui a luta entre a verdade e a caridade) a sua novela não serve... Sabe, é muito longa, e a revista não comporta novelas assim longas...

E agora sempre lhe digo que este caceteiro sentimental que sou — talvez a cara de poucos amigos provenha de jogar o pau e doutras prendas *soajeiras (em Coimbra, os companheiros de casa chamavam-me a «fera de Soajo») — sempre lhe digo, para endireitar período tão arrevesado, que me penteio para ir, breve, à terra que chamei «Várzea». A senhora Joaquina, que era Cândida, não estará para a abraçar. Nem aquela menina linda, para a ver. Mas que vou ao Poço do Diabo, ai isso vou. Com o meu filho, que então engatinhava. Prometo-lhe, se as sacar, meia dúzia de trutas. Excelentes, de qualquer maneira, mas, grelhadas com manteiga e salsa, são de lamber os dedos...*

E, a tomar balanço para continuar a cumprir a sina — principiar a escrever outra coisa qualquer — empreguei a noite a escrever-lhe. E muito bem a empreguei.

26/4/46

Abraça-o o camarada e amigo
Tomaz de Figueiredo